

Economistas cobram ajuste fiscal severo

Marcelo Rehder

Estado de S.Paulo, 29.8.06

Em debate, profissionais divergem em quase tudo, menos nesse tema

Economistas das mais variadas tendências concordam em que o próximo governo precisa insistir na política de ajuste fiscal severo, mas divergem sobre a necessidade de medidas econômicas adicionais que possam levar o País ao crescimento. O ex-ministro Luiz Carlos Bresser Pereira, professor da Fundação Getúlio Vargas (FGV) de São Paulo, por exemplo, defende a ação combinada de um forte ajuste fiscal com o corte dos juros e a administração da taxa de câmbio a um nível em que o produto brasileiro volte a ser competitivo.

"A simples baixa da taxa de juros de curto prazo já levará ao aumento da taxa de câmbio, mas a depreciação do real frente ao dólar poderá não ser suficiente", disse Bresser Pereira, em debate sobre o crescimento econômico promovido ontem pelo Caderno Aliás, do Estado. A edição da próxima sexta-feira trará um caderno especial com a opinião dos especialistas que participaram do debate.

Para o economista, há necessidade ainda de reformas institucionais específicas, como a desvinculação da dívida pública da taxa de juros de curto prazo e a desindexação por lei de qualquer contrato em que o Estado seja participante. O problema, segundo ele, é que o País está semi-estagnado há 25 anos, por absoluta falta de uma estratégia nacional de desenvolvimento.

"Os partidos políticos e a sociedade não buscam o desenvolvimento", afirmou o ex-ministro. "Já chegamos ao limite do aumento dos gastos sociais com elevação da carga tributária, que chega a quase 40% do PIB (Produto Interno Bruto)".

O economista Samuel Pessoa, da FGV do Rio de Janeiro, disse que o País ainda não conseguiu definir como financiar o crescimento. Segundo ele, isso demanda uma poupança de 30% a 35% do PIB, o que passa pela reforma previdenciária. "Tem de aumentar a idade mínima para aposentadoria de 60 para 65 anos, reduzir a diferença entre homem e mulher, de cinco para dois ou três anos, entre outras mudanças."

Já Ricardo de Medeiros Carneiro, do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), disse que o ajuste é necessário, mas não é o mais importante. Para ele, o governo precisa interferir no câmbio. "Eu defendo a flutuação suja do câmbio", afirmou. "Tem de combinar um conjunto de medidas, de forma a evitar que haja o transbordamento da liquidez internacional para cá e definir níveis mínimos e máximos para a taxa flutuar."

A proposta foi criticada por Eliana Cardoso, da FGV de São Paulo, alegando que o País perderia a capacidade de administrar a política monetária.